

AS AVENTURAS DO LEITOR PRINCEPS: O PERSONAGEM LEITOR NA NARRATIVA JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Agatha Camila Ferreira Araujo (UFG-RC)¹
Silvana Augusta Barbosa Carrijo (UFG – RC)²

Resumo: O autor mexicano Juan Villoro em *O Livro Selvagem* (2011) amplia um leque de possíveis leituras do texto, pressupondo um jovem leitor mais participativo, crítico e criativo. Apresentando reflexões sobre o ato da leitura, a narrativa aponta para as descobertas literárias do personagem leitor Juan e, sendo assim, busca-se nessa análise investigar a função da metalinguagem na obra investigada no que diz respeito à representação do leitor neste texto de ficção, evidenciando, em meio às análises, como obras que contemplam personagens leitores podem contribuir para com um eficaz processo de letramento literário do jovem leitor.

Palavras-chave: Literatura Juvenil; Personagem-Leitor; Metalinguagem

O objeto ficcional e seus recursos narrativos

Na envoltura do real com a fantasia, no delinear das características genuínas da juventude em processo de amadurecimento e, em suas convivências conflituosas, autores engendram narrativas que, de modo intencional, inserem um adolescente no universo fantástico das histórias. O conteúdo metatextual como recurso composicional estabelecido por um autor promove o desdobramento do texto sobre ele mesmo, enfatizando princípios relacionados à literatura, ao mesmo tempo que proporciona apoio às concepções da formação leitora do interlocutor através das experiências do personagem com o objeto “livro”, sendo esse protagonista, parte da construção textual que abrange ideologicamente a relação do leitor com a leitura. No caso específico dos subsistemas literários infantil e juvenil, Nelly Novaes Coelho afirma:

Em função da crescente valorização que a nossa época dá à linguagem como fator essencial na formação da criança e dos jovens, a literatura contemporânea tem supervalorizado o ato de narrar – compreendido como o ato de criar através da palavra. Daí a utilização cada vez maior da metalinguagem, com histórias que falam de si mesmas e do seu fazer-se. Visando levar leitores a descobrirem que a invenção literária é um processo de construção verbal, inteiramente dependente da decisão do escritor” (COELHO, 2000, p. 153).

¹ Graduada em Letras na Universidade Federal de Goiás Regional Catalão e Mestranda em Estudos da Linguagem (UFG-RC). Contato: agathacamila2008@gmail.com

² Pr^a. Dr^a. do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Contato: silvana.carrijo@gmail.com -

Juan Villoro, em *O Livro Selvagem* (2011), apresenta como protagonista um garoto de treze anos de nome Juan, que representa um tipo de leitor especial, o leitor Príncipe, conforme o nomeia seu tio. O garoto descobre, em meio à atmosfera um tanto fantástica da narrativa, que os leitores capazes de realizar uma leitura competente, a contento, como que despertam os livros de seu estado de inércia, dando-lhes vida; tais leitores são chamados *Leitores Príncipes*, e logo, o tio de Juan identifica o menino como um leitor desse quilate, capaz de despertar os livros da biblioteca:

- Depois da sua visita, muitos livros se mexeram. Nunca tinha acontecido antes. Você acordou as almas da biblioteca. Você tem um estranho poder, garoto. É um leitor Príncipe - Um leitor Príncipe?
- Um leitor único [...] Para os livros, você é um príncipe. Por isso eu precisava de você aqui. [...]
- Gosto de ler, mas não tanto – comentei, - Prefiro ver televisão, andar de bicicleta ou brincar com a Pinta, minha cachorrinha, ou com o meu amigo Pablo. –
- Não interessa: os livros sentem que você pode lê-los melhor que os outros. Um leitor príncipe não é o que lê mais livros, e sim o que encontra mais coisas naquilo que lê. (VILLORO, 2011, p. 38, 39).

O tio Tito é de uma personalidade singular, ama os livros de um modo exorbitante e os trata como parte significativa da vida, do cotidiano e, mais que isso, dos sentimentos mais profundos que possuímos dentro de nós, enxergando-os também como seres vivos, e, muitas vezes, esses livros criam vida no decorrer da narrativa ao ponto de mudar seu próprio texto quando lido por pessoas diferentes, escolher o seu leitor e mudar de lugar nas prateleiras. Até esse ponto Juan não dá muita importância para a leitura, apesar de levar para a casa do tio um único livro que conta a história de uma aranha, tio esse que possui estantes espalhadas por todos os cantos da casa, locais esses que serão cenário do desenrolar da história dessa personagem, suas descobertas e desenvolvimento pessoal.

Ocorre em meio às aventuras fantásticas de Juan um processo de amadurecimento, visto que ele passa por uma fase de transição e compreensão da vida, seus pais se divorciaram e esse é um dos motivos pelo qual ele foi enviado para a casa do tio Tito nas férias, pois, sua mãe em descontentamento com a situação não quer que ele contemple tal sofrimento.

Ao se lançar nesse universo da magia que os livros oferecem, o adolescente descobre modos de lidar com as circunstâncias da vida, os sentimentos que surgem ao desabrochar da juventude, a relação pais e filhos e demais pessoas envolvidas em sua

vida, sendo um ponto focal da trama. Petit (2009, p. 18) retrata devidamente essa função da arte da leitura, sendo ela contribuinte para a reconstrução do indivíduo após desilusões, benéfica para a perda que afeta a representação de si e do sentido da vida, desilusões que ela nomeia “desarranjos internos”.

Na busca de leituras para passar o tempo, ele conhece o livro *Viagem para o rio em forma de coração*, que conta a história de Ernesto e Pepe, que se perdem em um bosque e têm que sobreviver, ao seguir caminhos diferentes eles se perdem, mas se reencontram nesse rio em formato de coração e são ajudados por um índio. Juan, ao se apaixonar pelo livro, empresta a Catalina, uma garota que conheceu na farmácia em frente à casa de seu tio, que ao ler comenta que gostou muito da história de Ernesto e Marina, personagem que não existia na leitura de Juan, evidenciando que os livros podem ser modificados dados pelo leitor, tudo depende da perspectiva e o tipo de leitor que se apropria da narrativa. O leitor funda um relativismo hermenêutico de modo que uma mesma obra passe a constituir uma pluralidade de obras, de acordo com as várias possibilidades de leituras interpretativas.

O elemento narrativo utilizado pelo autor é parte estratégica para expressar os vários sentidos que se pode obter em uma leitura. Tal intenção se associa à concepção de Eco ao dizer que “os leitores se dispõem a fazer suas escolhas no bosque da narrativa” (1994, p. 14), pois, sendo assim, os leitores possuem certa liberdade hermenêutica em relação ao livro que estão lendo para produzirem sentidos assim como agregarem significados mais intrínsecos mediante a sua relação com a leitura. De acordo com Bakhtin (2006, p. 107), o texto é constituído no momento de interação com o leitor, momento em que ocorre o diálogo no processo interacional situado no interior de uma formação social e cada indivíduo contempla uma leitura de modo distinto ou lhe dá um sentido pessoal.

O “se perder” e “se encontrar” dos personagens da história que Juan lê tematizam o contexto com o que ele se depara, perdido na situação em que sua família vivia, em busca de se encontrar, processo que no desenrolar de suas experiências com os livros ocorre de modo natural e fascinante. Em um diálogo com seu tio Tito, após ele dizer que os livros escolheram Juan, ambos fazem reflexões acerca desse fato, afirmando serem os livros como espelhos da mente humana:

- Há pessoas que acham que entendem um livro só porque sabem ler. Eu já disse que os livros são como espelhos: cada pessoa encontra neles aquilo que está em sua própria mente. O problema é que você só

descobre que existe isso dentro de você quando lê o livro certo. Os livros são espelhos indiscretos e arriscados: fazem com que as ideias mais originais saiam da sua cabeça e trazem à tona outras novas, que você não sabia que tinha. Quando você não lê, essas ideias ficam presas dentro da sua cabeça e não serve pra nada.

– Nos livros, também aprendo sobre coisas que nunca tinha pensado antes – eu disse.

– Claro. Um espelho mágico também é uma janela: lá você vê seus pensamentos, mas também outras coisas. Conhece ideias diferentes e viaja a outros mundos. O livro é o melhor meio de transporte...

(VILLORO, 2011, p. 75)

Em um relato de Silvia Seoane sobre sua infância em Buenos Aires, ela conta como sua mãe narrava a história de *Alice no país das maravilhas*, afirmando que as histórias contadas faziam com que ela corresse para além do espelho, atravessando para outras terras (PETIT, 2009, p. 30). O espelho em referência na narrativa transcende o significado habitual de reflexo exterior, passando a exercer a função de reluzir o retrato interior do personagem, seus mistérios e dilemas mais ocultos. Marina Colasanti (2004, p. 102), descreve tal impressão se referindo ao processo autoral das narrativas pois o escritor se volta ao leitor/destinatário invisível (desconhecido) enquanto se costura as palavras, à espera de que, ao se curvar sobre o espelho, esse leitor se depare com sua própria imagem refletida. Evidencia-se, portanto, a partir de tais afirmações, o sentimento explícito do protagonista em relação aos livros: “Você disse que as minhas emoções estavam se abrindo e graças a isso os livros conseguiam me ler de outro jeito” (VILLORO, 2011, p. 120).

O autor utiliza estrategicamente na narrativa um leque de reflexões sobre os benefícios que a paixão pelos livros possa proporcionar ao sujeito que se apropria desse universo. A metalinguagem desempenhada como um artifício adjunto ao processo formador do jovem leitor contemporâneo é o elemento que utilizamos como sendo base para a investigação da obra, sendo assim, a obra tematiza um processo de amadurecimento ocorrido a partir da experiência que o protagonista vivencia com os livros, o que lhe proporciona crescimento, conforme o tio Tito afirma para o jovem:

Seus olhos parecem procurar um mistério. São olhos de detetive, que analisa pessoas, ou seja, olhos de leitor princeps [...] você está crescendo, Juan. Já tem sua própria vida. Talvez não tenha percebido, mas você está tomando muitas decisões. Precisa de seus pais e eles precisam de você, ainda assim, já tem seu próprio caminho. (VILLORO, 2011, p. 108)

Retratando, pois, o processo de desenvolvimento do protagonista, o tio, apaixonado pelos livros, demonstra sua convicção acerca desse crescimento, associando-o ao contato do jovem com os livros. Considerando o papel fundamental do velho amante dos livros na vida de Juan, nota-se a sabedoria expressa no personagem diante de sua longa caminhada de vida, no uso das reflexões sobre os livros compostas em suas lições. O tio Tito não é um personagem supérfluo inserido na narrativa, e sim, participativo no processo de conhecimento do protagonista, digno de destaque sob um olhar crítico e substancial para se compreender a construção do leitor na obra, considerando a questão fulcral da formação de leitores.

De acordo com as abordagens de Yunes (1995, p. 188), ler é questionar as palavras com incertezas e transformá-las, fazendo surgir assim, o prazer de perceber, imaginar e inventar a vida. As estratégias narrativas e as novas abordagens literárias de autores da literatura contemporânea, especificamente a juvenil, são criações extraordinárias do ponto de vista da formação de leitores.

Em se tratando do procedimento metatextual, o autor a partir de seu posicionamento ideológico do ato da leitura, juntamente com a experiência como leitor/escritor e seu estado emocional, molda sua criação através das palavras, converte sua produção em uma nova ideia, no modo de enxergar a vida de um adolescente em processo de amadurecimento. Dentro dessa idealização há um personagem que também usufrui de sua experiência e elementos de sua realidade produzindo a sua própria fantasia a partir dos livros que o cerca. Ainda dentro dessa relação leitor e texto, há a concepção de um leitor, criança, jovem ou adulto, independentemente de sua fase de desenvolvimento ou experiência vivida, ele irá imergir em uma história fantástica e produzirá sentidos. Pode ser que ele não possua a mesma percepção em relação aos livros assim como Juan [personagem] ou Juan [autor], mas através de sua própria experiência leitora, elementos da sua realidade e o material que tem em mãos, de acordo com seu perfil emocional, irá criar algo novo

Na narrativa de Villoro, Juan fica sabendo através de seu tio que há um livro na biblioteca, *O livro Selvagem*, que não se permite ser lido por ninguém, fugindo todas as vezes que um leitor procura, quando na verdade só está se guardando para o leitor princeps que possui a grandeza e o poder de lê-lo. Tendo a tarefa de encontrá-lo, Juan e seu tio adentram em uma aventura cheia de fantasias. Em meio às suas buscas, o garoto

se perde entre os livros, isso literalmente, mas, se formos analisar conforme aspectos figurativos, percebe-se que o se perder na biblioteca, configura-se como uma imersão nas leituras de maneira a não conseguir delas se evadir. Diante dessa experiência, Juan vive um momento de temor em relação aos livros que se movem:

De vez em quando, eu parava para tocar em algumas páginas, pelo puro prazer de fazer isso [...] quando escutei um ruído. Um livro caiu em algum lugar. E logo depois outro. Haveria mais alguém ali? Gritei o mais alto que consegui. Os livros sugaram minhas palavras e o cômodo ficou em silêncio outra vez [...] De repente senti algo em minha nuca. Uma folha de livro. E o mais assustador era que não era uma folha imóvel. Era uma folha que tinha se mexido. Pude senti-la como uma carícia. (VILLORO, 2011, p.68)

Mediante a esse acontecimento, Juan se impressiona com a maneira que aqueles livros se moveram, porém, o que tais estratégias narrativas representam é o modo como algumas leituras nos físgam, mexendo com nossas emoções mais profundas, nos silenciam a ponto de não termos como dizer de que maneira isso aconteceu. O fator fantástico impresso na composição de Villoro se refere à sensação de estranhamento por parte do personagem assim como pelo leitor, pois produz um momento de excitação, ou dúvida se aquilo estaria mesmo acontecendo, ou só seria uma reação de fantasia por parte do protagonista.

Em *Sociedade Literária e a torta de casca de batata*, Mary Ann Shaffer e Annie Barrows mencionam que, “Talvez haja algum instinto secreto nos livros que os leve a seus leitores perfeitos” (2009, p. 19), afirmação essa que coincide com a relação de Juan com esse livro selvagem, pois demonstra de modo sucinto que, ao se permitir ser encontrado pelo jovem leitor, o livro comprova sua disposição para com o seu Leitor Princeps, evidenciando a sua escolha de leitor pertinente.

Apesar de *O livro Selvagem* se mover a todo tempo impossibilitando o encontro com o jovem leitor, devido ao talento de Juan de atraí-lo, o encontro ocorre e a ocasião se transforma em uma grande oportunidade de construir o seu próprio caminho. Isso porque o livro possui somente páginas em branco, porém do nada, começam a surgir algumas palavras semelhantes às que iniciam o próprio livro que nós leitores temos em mãos “Você leu a aventura que vivi para conseguir a obra que você tem em mãos. O que vem a seguir, só depende de você.” (VILLORO, 2011, p. 186). A narrativa engloba não só uma fantástica história, como também possui nas suas entrelinhas sentidos que trazem para reflexão a maneira como podemos deixar a vida ser levada. As leituras que fazemos

em livros podem ser uma leitura da nossa própria vivência, e as soluções que são apresentadas podem servir para aquilo que podemos ser e compreender. Vale ressaltar que, Juan possuía uma relação conflituosa com seu pai devido ao divórcio, para essa questão, as experiências literárias do garoto foram esclarecedoras, pois ao compreender melhor suas emoções ele pode entender as circunstâncias da vida, sendo motivado a construir suas próprias ideologias a respeito de tais situações, passando a incluir seu pai em suas trajetórias dali por diante, atitude essa que evidencia a formidável experiência que a leitura literária produz no leitor, o que nas sábias palavras de Eco (1994, p.145) se enfatiza de modo ideal: “De qualquer modo, não deixamos de ler histórias de ficção, porque é nelas que procuramos uma fórmula para dar sentido a nossa existência”.

Considerações finais

O autor utiliza estrategicamente na narrativa um leque de reflexões sobre os benefícios que a paixão pelos livros fornece para o sujeito que se apropria desse universo. A metalinguagem desempenhada como um artifício adjunto ao processo formador do jovem leitor contemporâneo favorece o alcance desse indivíduo sob uma perspectiva crítica relacionada ao ato da leitura como sendo base para a construção, de modo geral, de identidade na adolescência.

Portanto, as novas abordagens literárias de autores da literatura contemporânea, especificamente a juvenil, são criações extraordinárias que promovem o letramento literário. É a partir de seu posicionamento ideológico do ato da leitura, juntamente com a experiência de leitor/escritor e seu estado emocional, que o autor molda sua criação através das palavras, converte em uma nova ideia, no modo de enxergar a vida de um adolescente em processo de amadurecimento.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2006.

COELHO, Nelly Novais. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLASANTI, Marina. *Fragatas para Terras Distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PETIT, Michéle. *A arte de ler: ou como resistir a adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SHAFFER, M. A.; BARROWS, A. *A sociedade literária e a torta de casca de batata*. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

VILLORO, Juan. *O Livro Selvagem*. Tradução Antonio Xerxenesky. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: A leitura e o leitor. *Letras*, Curitiba, n.44. Editora da UFPR p. 185-196. 1995.